

GARIMPOS E TRABALHADORES DOS GARIMPOS: o intrincado jogo de interesses políticos e econômicos em Roraima

ADRIANA GOMES SANTOS¹

GT: GLOBALIZAÇÃO, RELAÇÕES POLÍTICAS E TRABALHADORES: CONJECTURAS E PROCESSO HISTÓRICO.

Resumo

O texto apresentado é parte de nossas reflexões a cerca das fontes analisadas no decorrer da pesquisa de mestrado. Por isso, ainda estamos no processo de amadurecimento da escrita e das discussões sobre o objeto de pesquisa que é a condição de vida e trabalhadores nas áreas de garimpagem em Roraima. O nosso recorte temático tem nos levado a uma discussão bem mais ampla sobre os conflitos, não mais vistos apenas entre índios de garimpeiros, mas entre os diversos grupos de interesses sobre as regiões de mineração.

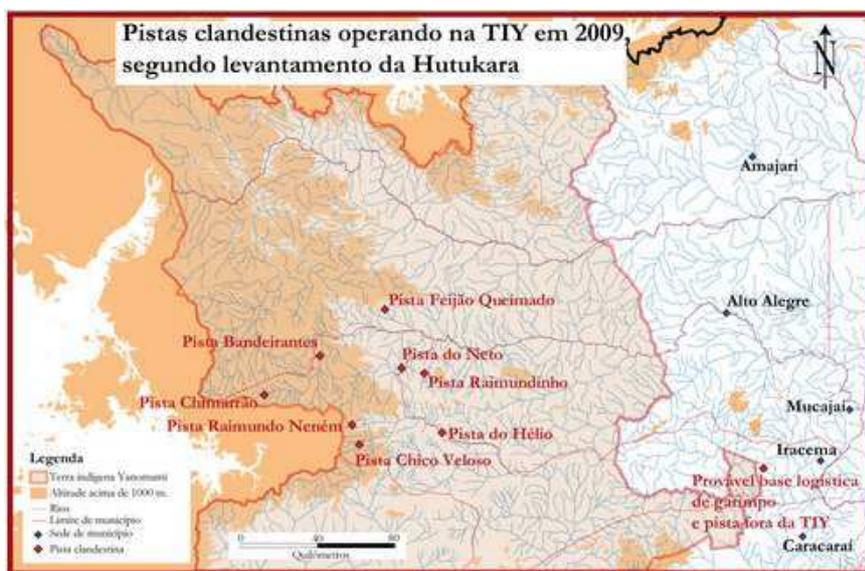
Nessa perspectiva, buscamos perceber o aparecimento desse sujeito histórico, organizado, descentralizado, acompanhando suas mobilizações nos meandros dos conflitos e acordos com os diversos grupos sociais, como os indígenas, políticos locais, fazendeiros, igreja, ONGs. Esses sujeitos, homens e mulheres do garimpo, expressam suas experiências cotidianas no âmbito da dominação capitalista, constituindo-se como classe nas aproximações e nos conflitos que vivem na região.

Palavras Chave: trabalhadores(as), experiências, garimpo

¹ Cursando Mestrado em História na Linha de Trabalho e Movimentos Sociais na Universidade Federal de Uberlândia – MG. E-mail: Adriana_gmsantos@yahoo.com.br

Os conflitos entre garimpeiros e índios aparecem de forma bastante visível na mídia local, e até mesmo na mídia nacional, neste primeiro semestre do ano de 2012. Isso devido a atual valorização do mineral ouro² que ocasionaram o crescimento dos investimentos dos proprietários de maquinários na extração mineral nas reservas indígenas de forma ilegal. E conseqüentemente o crescimento deste setor aguçam o interesse e a mobilização também de trabalhadores dispostos a enfrentar as adversidades do trabalho desenvolvido em meio ao isolamento das áreas de mineração em plena floresta amazônica.

A Associação Yanomami HUTUKARA denunciou em 2009 as pistas clandestinas destinadas à manutenção dos trabalhos de mineração realizados em áreas indígenas.



Fonte: <http://www.hutukara.org>

Na imagem acima a Associação Yanomami denuncia a existência das pistas clandestinas que funcionam para o abastecimento dos garimpos nas reservas indígenas. Os conflitos da questão da mineração em Roraima se referem aos sujeitos, índios e garimpeiros, mas não se restringem apenas a estes sujeitos sociais. Pois, além destes também envolve todo um processo social de grupos de interesses e classes distintas que disputam a região.

Dentro desse processo de interesse pela mineral em Roraima o Governo Federal cumpriu papel importante, durante o governo militar, para acentuar os interesses e procura pela mineração em Roraima. Partimos da presente situação de conflito nas áreas indígenas, com todas as suas pressões sociais, para o período em que pesquisamos que se estabelece entre os anos de 1974 a 1991³. Mas, os recuos e os avanços ocorrerão com a finalidade de compreendermos o processo.

² Mais de 1.500 USD/oz. Fonte: <http://www.goldprice.org/>

³ Em 1974 o governo nacional lançou o II PND que diretamente foi capaz de condicionar a migração para Roraima acentuando de maneira demasiada os conflitos sociais e as disputas sobre as regiões. Em 1991 começaram a haver de forma mais frequente a atuação do governo de retirada dos garimpeiros das áreas indígenas, devido a proibição da mineração nessa região, esse fator foi de fundamental importância não

A partir da década de 1960 há mudanças significativas na Amazônia e é importante citar a Operação Amazônia (1966/67), que representa uma nova política de ocupação da região, com maior centralização no Executivo federal. Como desdobramento, há a opção da ocupação pelas rodovias (não excluindo os rios) e como parte disso a federalização das terras da região desde o PIN (Programa de Integração Nacional), de 1970, onde através de um decreto o Executivo definiu que 100 km de cada margem de rodovia federal construída ou simplesmente projetada na Amazônia passava para a jurisdição do governo federal. Com isso, se retira dos governos estaduais e da oligarquia local uma parcela importante da origem de seu poder. Ganham importância os incentivos fiscais e a ocupação da região através de grandes projetos agropecuários, privilegiando a grande propriedade distribuindo recursos estatais e terras públicas (MARQUES, 2007).

Foi durante a segunda metade da década de 70 que efetivamente são observados um maior número de investimentos na Amazônia, especificamente no governo de Geisel (1974-79) com a elaboração do II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento) no qual há medidas do governo militar mais concretas para a região através da implantação do Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia, mais conhecido como Polamazônia (SANTOS, 2004).

O Programa Polamazônia tinha por objetivo básico os investimentos em infraestrutura para o fomento e escoamento da produção mineral e madeireira, como também visava os investimentos na pecuária (COSTA, 1993). A implementação de projetos na Amazônia carregava o discurso do governo de “integração” da Amazônia e ocupação do “vazio demográfico” que, por sua vez, desconsiderava completamente a existência da população indígena que viviam nessa região.

Sobre o programa do governo, o Polamazônia, o Jornal Boa Vista⁴ de propriedade do governo do Território traz uma matéria na qual defende que

“O Programa de Pólo agropecuários e Agrominerais (Polamazônia), que investirá nos próximos quatro anos da ordem de Cr\$ 4 bilhões em 15 projetos de desenvolvimento agropecuário e de mineração com recursos provenientes do PIN, do PROTERRA⁵” (BOA VISTA. 29/09/1974.p.02)

Os projetos para Amazônia tinham o interesse de mobilizar uma quantidade considerável de pessoas, para isso o governo, e seus agentes, se utilizou de propagandas e de fomentos, ou subsídio para a migração, especialmente de nordestinos para a Amazônia. Em Roraima essa migração toma um aspecto peculiar já que é comum encontrar pessoas que relatam ter viajado do Maranhão até Boa Vista com passagens pagas pelo Governo de Roraima.

Concomitante ao interesse do governo militar de integração da Amazônia havia os problemas que assolavam a população nordestina e que para Oliveira (1991) foram importantes para o direcionamento da migração nordestina para a Amazônia. Pois, de

para que a mineração em reservas indígenas deixasse de existir, mas para que ela diminuísse de forma significativa.

⁴ Foi encontrado no arquivo da Casa da Cultura um histórico dos jornais locais digitado em máquina datilográfica, contendo duas páginas e intitulado de “O surgimento dos primeiros jornais” no final da última página consta a informação de que é um “Resumo extraído do livro: RODRIGUES, Shirley. A imprensa escrita em Roraima uma questão de ética. Boa Vista-RR: Compukromos, 1996. Na qual fala que o Jornal Boa Vista “Roraima passa dez anos sem imprensa escrita. Somente em 1973, o governador Hélio Campos instala a imprensa oficial, de onde nascia o ‘JORNAL BOA VISTA’, de propriedade do governo, primeiro jornal impresso em off-set em Roraima, circulou até 1983.” (p.02) não traz a informação do ano da confecção do documento e informação sobre o último jornal é de 1991.

⁵ PIN – Programa de Integração Nacional e PROTERRA - Programa de Redistribuição de Terras.

alguma forma, proporcionava uma solução rápida ao Nordeste, onde a população estava envolvida em conflitos de terras e algumas regiões ainda estavam atingidas pela seca.

Rodrigues (1995) revela que os investimentos na mineração, anteriores a segunda metade de 1970, foram realizados pelos pecuaristas da região e a família Brasil foi uma das que mais investiu na extração mineral, já que dizia-se ser proprietária de muitas terras nessa região (SANTOS, 2004). Já no final da década de 1970 começam a aumentar e diversificar os investimentos para a atividade de mineração em Roraima, assim como, as características no interesse do trabalho na extração mineral mudam, pois anteriormente o principal produto da extração mineral era o diamante, neste processo o ouro torna-se o principal produto extraído, devido ao aumento do ouro no mercado internacional, sobretudo, ocasionado pela crise do petróleo.

No gráfico abaixo verificamos a valorização do mineral ouro.



Gráfico I: Preço do ouro de 1973 - 2008.

Fonte: <http://www.goldprice.org/>.

Como podemos verificar, no gráfico acima, há um acelerado processo de valorização do ouro a partir de 1978, nos anos 1980 até a segunda metade do final dos anos 1990, há certa estabilidade no seu valor, em torno de 400 USD/oz. No início dos anos de 1980 há oscilações e desvalorização, depois o valor do mineral mantém certa estabilidade, da segunda metade desta década até 1998. No primeiro semestre de 2000, como demonstrado no gráfico, percebemos o começo de um acelerado processo de valorização do mineral.

Nesse período, da segunda metade de 1970 e anos 1990, de valorização do ouro, como verificado no gráfico, a produção desse mineral em Roraima também aumentou significativamente. Esse aumento da produção mineral está vinculado também, ao aumento populacional e a disponibilidade da mão de obra, condicionados pela migração fomentada pelo governo militar para região amazônica advindos do Nordeste.

Podemos visualizar de forma mais próxima através da fala de Arnaldo⁶ que é um migrante nordestino e desde os 14 anos trabalhou, e ainda trabalha, na extração

⁶ A entrevista foi concedida a Adriana Gomes Santos no dia 18 de julho de 2010. Arnaldo trabalha nos garimpos da Amazônia desde os 14 anos, nasceu no Maranhão e na década de 80 migrou para Roraima para trabalhar nos garimpos durante este longo período de experiência nessa atividade intercalou com alguns trabalhos autônomos na área de serviços como borracharia, mercearia e lanchonete. Recentemente, em outubro de 2011 durante uma operação da Polícia Federal foi retirado da área de garimpo na qual seus colegas de trabalho sofreram diversas agressões observadas pelo entrevistado que se escondeu um longo período dentro do rio e permitiu uma visão da atuação policial. Arnaldo informou não ter sofrido as agressões porque conseguiu se esconder na mata durante 20 dias e só após esse período se

mineral em vários lugares da região amazônica. É de uma família de trabalhadores agrícolas e desistiu do trabalho agrícola para trabalhar na atividade de mineração e quando perguntado por que escolheu esta atividade, responde:

Porque eu, nessa época... todo mundo era invocado com garimpo... era o único meio da gente ganhar um pouco de dinheiro pra sobreviver. No nordeste era muito fraco o ganho de dinheiro, nessa época... trabalhava muito só na lavoura de roça, todo mundo desistia... (optava pelo) garimpo.

Muitos dos trabalhadores, como Manuel, tiveram essa concepção de poder ganhar mais com a atividade de mineração do que com o trabalho na lavoura agrícola, ou pelo menos na Amazônia haveria mais possibilidades do que no Nordeste. O governo fomenta os interesses sobre a mineração na Amazônia através das propagandas e este aspecto foi bastante significativo no sentido de compor as expectativas de uma população trabalhadora, muitas vezes, marginalizada pela apropriação dos latifúndios, especialmente como ocorrem no Norte e Nordeste.

Em uma revista de grande circulação nacional vemos a seguinte propaganda:

Muitas pessoas estão sendo capazes hoje de tirar proveito das riquezas da Amazônia.

Com o aplauso e o incentivo da SUDAM.

Com o aplauso e o incentivo do Banco da Amazônia.

O Brasil está investindo na Amazônia e oferecendo lucros para quem quiser participar desse empreendimento.

A Transamazônica está aí e a pista de minas de ouro.

Comece agora. Faça sua opção pela SUDAM. Aplique a dedução do seu imposto de renda num dos 100 projetos econômicos já aprovados pela SUDAM. Ou ainda apresente seu próprio projeto (seja ele industrial, agropecuario, ou de serviços).

Você terá todo o apoio do Governo Federal e dos governos dos Estados que compõem a Amazônia. Há um tesouro à sua espera. Aproveite. Fature. Enriqueça junto com o Brasil.

informações nos escritórios da SUDAM e nas agências do Banco da Amazônia.

Chega de lendas, vamos faturar!

MINISTÉRIO DO INTERIOR
SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA SUDAM

BANCO DA AMAZÔNIA S.A.

Fonte: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

A Amazônia, como pode ser observada, na propaganda do governo publicada na revista Veja, uma revista da grande imprensa e de circulação nacional, foi trazida nos discursos do governo como o “lugar de riquezas” além da abundância de terras, ainda constatando a existência dos minerais, dentre eles o ouro.

apresentou aos policiais que o conduziram a cidade de Boa Vista, mas já apresentava sinais de desnutrição. Atualmente mora em um quarto alugado em um bairro periférico da cidade de Boa Vista e passa por graves problemas de saúde na qual terá que retirar um dos rins. A fim de preservar a identidade do entrevistado seu nome foi substituído.

O nosso foco é compreender os significados que esses sujeitos dão à sua própria inserção na atividade de produção mineral, a partir da experiência na garimpagem na Amazônia, especificamente em Roraima, que, sobretudo, é um reflexo dos avanços do capitalismo. Então, entendemos a importância das discussões de Khoury nesta perspectiva de que

“nossa busca é de obter deles próprios, de seu comportamento e reações, de seu modo de vida, de reclamos e expectativas, como imprimem marcas na vida e nas relações sociais, como refazem tradições e costumes, compartilhando experiências várias e vivendo novas situações impostas pelo capitalismo em seu estágio atual de desenvolvimento”(KHOURY, 2006.p.03).

Assim, para essa compreensão não podemos nos descuidar desta relação em que se constroem os processos históricos. Por isso, para construirmos nossa análise partimos de um ponto específico, que envolve a vida dos trabalhadores e trabalhadoras do garimpo com todos os seus interesses e *visão de mundo*, sobre como se desenrola a vida dentro da perspectiva de trabalho na qual a principal luta é pela sobrevivência em uma atividade que possa lhes proporcionar mais ganhos.

Nesse sentido, uma grande quantidade de trabalhadores se mobilizaram para esta atividade e observamos que em vários pontos da Amazônia se desenvolvem de maneira acelerada a produção mineral e um dos grandes produtores de minério foi o Pará tanto na produção de ferro, na região do Carajás, quanto na produção de ouro em Serra Pelada, na década de 1980, que a para o Pará representou mais de 70% da produção mineral do Estado (SILVA, 1993).

Essa perspectiva de produção mineral foi possível pelo interesse do governo nessa produção, inclusive através do Projeto RADAM⁷ que fez um mapeamento geológico no solo constatando os pontos de mineração na Amazônia. Em Roraima o Jornal Boa vista apresenta a seguinte matéria:

“o ministro Shigeaki Ueiki, das Minas e Energia, passou cedo em Boa Vista-Roraima, rumo a localidade do Surucucu, ao norte desta capital, distante cerca de 360 quilômetros quase na fronteira com a Venezuela. O Ministro da Minas e Energia que se fazia acompanhar de sua esposa e de uma equipe de técnicos ficará acampado dois dias em Surucucu em conjunto com uma equipe de Geólogos do Departamento Nacional de Produção Mineral, a fim de verificar uma descoberta de Urânio feita pelo Projeto RADAM.” (BOA VISTA. 02/02/75.p.01 e 07)

Observamos que o Ministro veio constatar dados do RADAM e verificar a possibilidade da produção mineral nessa região. É importante destacar que este jornal da Imprensa oficial do Estado trazer a informação da pesquisa geológica realizada pelo RADAM, inclusive a ocorrência de urânio em Surucucus, na reserva indígena, carrega uma expectativa do governador do Território de Roraima, Ramos Pereira (74-79), que pelo que podemos perceber, na análise do jornal, o governo não só defendia a implantação dos projetos pelo governo militar como também defendia a produção mineral no território.

Mas, é realmente no final da década de 1970 que multiplicaram-se as áreas de mineração em Roraima, adentrando com mais intensidade nas reservas indígenas, principalmente nas reservas Yanomami, Rodrigues (1995) nos permite, mesmo que de

⁷ RADAM – Projeto de Radar na Amazônia.

maneira bem simplificada, visualizar um novo panorama dos locais de exploração mineral.

“Entre as principais frentes de garimpagem destacam-se: 1- o rio Uraricuera; 2- rio Apiaú, 3- rio Mucajaí, 4- serra de Couto Magalhães, 5- serra do Surucucu; 6- Santa Rosa; 7-Catrimani; 8- Papiú, 9-Palimiú; 10- Ericó; 11- Demini; 12- Jundiá e, 13- Auari.”(RODRIGUES, 1995.p.24)

Esse novo aspecto da mineração que está relacionado a multiplicidade de locais de produção mineral e concentração de trabalhadores, proprietários, aviões nesses locais de extração mineral onde acirram as disputas pela terra e conseqüentemente os conflitos sociais. Transparecendo diversos interesses e projetos políticos que se entrelaçavam com a defesa ou a rejeição a mineração.

Dentro desse turbilhão de conflitos estavam os trabalhadores do garimpo, os proprietários das máquinas, das pistas e dos aviões, comerciantes, indígenas, Igreja Católica, CIMI, ONGs, os pequenos proprietários de terras, os latifundiários, além dos grupos políticos locais que se formavam a partir de seus interesses. Por isso, acreditamos que a análise da mídia impressa se faz importante por que está imbricada nesses conflitos sociais. E para análise dos jornais tomamos as orientações de Cruz e Peixoto (2007) quando diz que,

“Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Trata-se de entender a imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe.” (CRUZ E PEIXOTO, 2007.p.260)

Os jornais são uma das fontes que selecionamos para compreender a sociedade roraimense, mas para que isso ocorra é necessário compreender que esses jornais se constituem numa “linguagem” específica e que está organizado através de interesses e projetos políticos como, explicitado pelas autoras, na citação. Por isso, a importância em compreender o diálogo estabelecido entre os grupos de interesse que produzem o jornal e que estão envolvidos nas disputas políticas pelas áreas de mineração.

No jornal Tribuna de Roraima é noticiado algumas questões relacionadas às áreas de extração mineral, inclusive coloca a organização dos garimpeiros em torno dos Sindicatos e Associações. Notícia de criação da Cooperativa Mista de Extração Mineral e Agropecuária de Roraima apoiada pela Associação de Faiscadores e Garimpeiros de Roraima- AFGR, pelo Presidente da COODESAIMA⁸, Salomão Cruz⁹, pelo Secretário de agricultura, José Liberato da Silva e pelo Presidente da União dos Sindicatos e Garimpeiros da Amazônia Legal e superintendente da AFGR, José Altino¹⁰ (TRIBUNA DE RORAIMA.28/08/1986. p.01)

O interessante dessa matéria é observar que o secretário Péricles Verçosa Perruci, que é o editor deste jornal, Tribuna de Roraima, é secretário da Cooperativa

⁸ CODESAIMA- Companhia de Desenvolvimento de Roraima que foi autorizada a lavara experimental pelo DNPM em 1984 no Quinô. (Rodrigues, 1996, p.65-66)

⁹ Salomão Cruz é irmão de Getúlio Cruz, governador do Território, que é proprietário do principal jornal local, Folha de Boa Vista, antigo Jornal Boa Vista, que era de propriedade do Governo do Território.

¹⁰ José Altino foi candidato a Deputado Federal pelo PL o mesmo partido de Getúlio Cruz.

Mista de Extração Mineral e Agropecuária de Roraima – COOPEMAR. E em muitas reportagens sobre a mineração há uma defesa dessa atividade como forma de desenvolvimento do estado e garantia de recursos para população indígena como forma de negociação das áreas de mineração dentro das reservas indígenas.

É importante ressaltar que, dentro desse processo que consolida organizações através dos interesses, as Associações e Sindicatos não eram representativos dos trabalhadores à medida que congregavam classes e interesses distintos. Nessas organizações congregavam os garimpeiros que são tantos os patrões quanto os empregados.

Voltando aos jornais observamos que muitas vezes, o Tribuna de Roraima, traz os conflitos na região entre índios e não índios como sendo aguçados pelos missionários. Em uma reportagem específica trata como “ameaça de guerra”(TRIBUNA DE RORAIMA.15/08/86.p.04) em Roraima por habitarem as mesmas áreas fazendeiros, indígenas e garimpeiros. Também defende o território por ser uma região propícia para criação de gado, agricultura e rica em jazidas minerais, como ouro e diamante.

Na opinião do Jornal, foi necessariamente a convivência de missionários na região esta mudando a “mentalidade” do indígena que surgiram os conflitos. Depois do adentramento dos missionários apareceram muitos incêndios criminosos contra pecuaristas, a exigência do expulsamento de fazendeiros da região pelos indígenas, como também faz acusação de uma empresa de mineração da Diocese de Roraima que utiliza mão de obra dos índios da etnia Macuxi.

Podemos perceber que o Tribuna de Roraima, trava uma discussão com relação a defesa da mineração em Roraima, como também dos fazendeiros, em uma situação de desqualificação das reivindicações indígenas sobre seus territórios, por estarem sendo influenciados pela Diocese de Roraima.

As regiões de mineração em Roraima trazem em seu cerne o entrelaçamento de diversos conflitos, dentre eles está o de luta pela terra. Várias são as invasões de terras para a atividade de mineração, como também os fechamentos dessas áreas à mineração por serem reservas indígenas. O trabalhador do garimpo Arnaldo conta as dificuldades com relação a retirada dos trabalhadores pela Polícia Federal.

aqui em Boa Vista mesmo na época que eu tava trabalhando no Surucucu, aí eles trancaram tudo (os policia federais) e desceram (em) muito avião, por cima, direto por cima de onde nós tava trabalhando... eu mesmo fui lá numa pista que tinha lá, dos índio, eu me entreguei e eles me levaram... pro Surucucu, no Surucucu descero lá na pista... fiquei lá dois dia, com dois dia depois que veio... foi lá na, lá perto do quartel, lá numas casinha... de apoio... aí a policia em redor... a gente num podia varar de lá a pé (tinha que ficar) esperando, até que deu a quantidade pra aquele búfalo trazer a gente... era muito garimpero que o búfalo não trouxe tudo, trazia direto e era buscando de novo, era muito garimpero.

O que percebemos é as dificuldades para realizar os trabalhos na mineração estavam postos e a retirada desses trabalhadores sempre ocorriam dentro de diversas discussões entre os vários grupos sociais na defesa de seus interesses políticos e econômicos. Muitas vezes essa aparência tranquila na retirada desses trabalhadores como colocado por Arnaldo, nem sempre aparece dessa forma na mídia impressa.

Por isso, para que esta metodologia de análise, baseada na concepção teórica do materialismo histórico e dialético, possa funcionar é necessário articular todos os elementos da sociedade, teremos sempre o cuidado de trabalhar o processo, buscando

“explorar os processos sociais de constituição da história e da memória e suas mútuas relações”, como nos alerta Yara Aun Khoury:

“Buscamos compreender como sujeitos específicos significam e interpretam a vida e a eles próprios, nos modos de projetar, trabalhar, morar, se relacionar, se comunicar, festejar, comemorar, apreender como se apropriam de e reelaboram valores, sentimentos, interesses, costumes, tradições, memórias e expectativas; apreender como hegemonias se engendram e carências e necessidades se constituem no embate das forças sociais. Nesse sentido, estamos dizendo que processos sociais criam significações e que essas se instituem em memórias; por isso procuramos explorar os processos sociais de constituição da história e da memória e suas mútuas relações e como essas alimentam e realimentam poderes, dominações, sujeições e resistência.” (KHOURY, 2001. p. 24)

O trabalhador do garimpo Arnaldo, segundo relatado na entrevista, apenas duas vezes foi retirado da reserva e não coloca a intervenção dos policiais de forma agressiva, pois é como ele nos passa a sua experiência. Mas diz que muitos trabalhadores se escondem nas matas: “muitos garimpeiro se esconde, mas não adianta se esconder não, que se esconder os home (os policiais) fica muito tempo também, não tem como, vi faltar comida, tem que se entregar mesmo”.

Para Arnaldo só tem uma saída quando a Polícia chega a uma região de garimpo, é se entregar, pois a insistência em se refugiar na mata, como alguns trabalhadores fazem, gera ainda mais dificuldades devido à falta de alimentação e à insistência da polícia em permanecer nessas áreas por vários dias. Um dos jornais locais, Folha de Boa Vista (22/12/1985. P, A 01 e 10), traz a matéria na qual coloca a retirada dos trabalhadores das áreas de mineração como violenta por parte da Polícia Federal. Podemos ver logo abaixo.



O jornal Folha de Boa Vista é o principal periódico pesquisado, por ter maior regularidade nas publicações, e é de propriedade de Getúlio Cruz, que já exerceu os cargos de Secretário de Planejamento do Território, presidiu o extinto Banco de Roraima e foi governador do Território de 1985 a 1987.

Nesta matéria, o Jornal Folha de Boa Vista, noticia a invasão do Garimpo de Santa Rosa, que está localizado na reserva indígena yanomami, pela Polícia Federal, em 1985, “causando pânico” aos trabalhadores. No jornal relata que os Policiais chegam a agredir fisicamente dois garimpeiros entrevistados, metralham mantimentos, utensílios, maquinários e ainda provocam grande incêndio nos “barracões”, a moradia, dos

¹¹ A data em amarelo (01/01/2007) na imagem do jornal ocorreu por uma desconfiguração da máquina fotográfica e não corresponde a data da pesquisa realizada no primeiro semestre de 2008.

trabalhadores e trabalhadoras. Assim, como também confiscaram o ouro e outros minerais extraídos pelos trabalhadores, e dando a ordem de desinstalação de maquinários e de retirada de homens e mulheres do garimpo de Santa Rosa. Redação.

A matéria neste jornal é trazida, com teor de denúncia, com a exposição de fotos e entrevistas com os trabalhadores, inclusive pelo acompanhamento de instauração do inquérito pela Polícia Civil. Essa matéria da invasão do garimpo de Santa Rosa aparece em diversas publicações neste mesmo jornal, acompanha as investigações e o desenrolar do inquérito policial na investigação aos policiais federais que participaram da ação e adentraram o garimpo de Santa Rosa, sem informar a Operação à administração do Território de Roraima.

É evidente que para além de ter realmente ocorrido as agressões por parte dos policiais percebemos a existência de disputas políticas na qual carregam em seu cerne o encaminhamento de projetos que parecem conflitantes com relação à mineração em Roraima. E o nosso interesse maior aqui é perceber como os trabalhadores dos garimpos se percebem e se colocam dentro deste processo de lutas, conflitos, conciliações.

Por isso, a nossa pesquisa não visa somente examinar a organização dos trabalhadores e trabalhadoras dos garimpos devido aos interesses divergentes dentro desses sindicatos ou associações. E muitas vezes à direção dessas instituições está nas mãos dos pequenos proprietários dos maquinários ou de terras e não dos trabalhadores dos garimpos. Nesse sentido, seguimos os passos de Fenelon quando trata da experiência:

“se estamos falando de examinar a experiência social dos trabalhadores em todos os seus ângulos de existência e de vida, para além de apenas examinar seu movimento e organizações ou associações políticas, isto significa querer examinar todo seu modo de vida no campo das transformações e mudanças que, cotidianamente, experimentam os trabalhadores em todos os aspectos do viver a democracia burguesa e capitalista. Não apenas as condições e padrões da existência material na moradia, na fábrica, no lazer, na alimentação, na religiosidade, etc. Mas também no campo dos sentimentos e dos valores, para perceber a intensidade com que muito destas noções e valores são apropriados no dia-a-dia da dominação, a resistência oferecida neste processo e a necessidade de reconstruir e reivindicar a cultura a partir dos sentimentos de perda de padrões antes estabelecidos”(FENELON,1992.p.8).

É por isso, que nos é tão importante perceber como os trabalhadores estão inseridos dentro dessa atividade de extração mineral com a finalidade de compreender os meandros em que são engendrados esses movimentos, ocorridos durante a formação de um Estado permeado pela intensidade de interesses políticos, econômicos, étnico-culturais imbricados nas relações de poder.

Fontes:

Jornal Folha de Boa Vista

<http://www.folhabv.com.br/noticia>. visitado em 24/06/10.

<http://www.goldprice.org/> visitado em 24/03/2011.

<http://mapas.socioambiental.org/website/TerraIndigenaNovo/viewer.htm>. visitado em 25/05/2011.

<http://www.hutukara.org/> acesso em 15/06/2011

Entrevistas:

Entrevista concedida a Adriana Gomes Santos por Rosa, na Penitenciária Feminina de Monte Cristo - RR, realizada no dia 26 de agosto de 2008.

Entrevista concedida a Adriana Gomes Santos por Arnado, garimpeiro, na cidade de Boa Vista- RR, realizada no dia 18 julho de 2010.

Bibliografia

ALMEIDA, Alfredo W. B ET.alii. Os garimpeiros na Amazônia como zona crítica de conflitos e tensão social. *Pará desenvolvimento a questão mineral*. Belém: IDESP. P.3-10, n. 19 jan/jun 1990.

BARBOSA, Livia. *Representações nacionais e identidades garimpeira; carência material e pobreza simbólica*. Relatório final da pesquisa do projeto paconamé. Rio de Janeiro: Cetem, 1991.

_____. *Garimpo e meio ambiente: águas sagradas e águas profanas*. In: Estudos históricos, Rio Janeiro, vol. 4, 8, 1991, p. 229-243.

CÓDIGO DE MINERAÇÃO: e legislação correlata. Brasília: Senado Federal, subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

FENELON, Déa Ribeiro. *O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?* In: História e perspectivas: história e historiografia. Curso de História da UFU, nº06, 1992.pp. 5-24.

KHOURY, Yara Aun. *Outras Histórias e linguagens*. Org. Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. São Paulo: Olho d'Água, 2006.p.30.

_____. *Narrativas orais na investigação da história social*. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História e do Departamento da PUC/SP: EDUC, n. 22, 2001. p. 24.

MACAGGI, Nenê. *A mulher do garimpo: o romance do extremo sertão norte do Amazonas*. Manaus: Gráfica da imprensa oficial, 1976.

MACIEL, Laura Antunes. *Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa- 1880/1920*. In.: Muitas Memórias, outras histórias. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

MARQUES, Gilberto de Souza. *Estado e Desenvolvimento na Amazônia: a inclusão Amazônica na reprodução capitalista brasileira*. Tese UFRRJ, 2007.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Integrar para não entregar: políticas e Amazônia*. Campinas: papirus, 1991.

PINTO, José Armindo. *Garimpagem: contribuição ao desbravamento e a ocupação da Amazônia*. Armin, RHAAG, Regiene (org). Conseqüências da garimpagem no âmbito social e ambiental. Belém: Buntstif/fase/katalyze, 1993.

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Revista do Departamento de História da UFF, nº2, 1996, pp, 53-72.

_____ *A bomba de Turim: a formação a memória no pós-guerra*. in.: História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral.v.9,n.1, jan- jun, 2006.

RABELO, Maria Aurora de Meireles. *O materialismo histórico de Thompson e a problemática dos movimentos sociais*. In.: História e perspectivas: história e historiografia. Curso de História da UFU, nº06, 1992. Pp 67- 88

RIBEIRO, Gustavo Lins. *O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

ROCHA, Gerôcio Albuquerque (org.). *Em busca do ouro: garimpos e garimpeiros no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

RODRIGUES, Francilene dos Santos. *“Garimpando” a sociedade roraimense: uma análise da conjuntura sócio política*. Tese de Mestrado, 1996.

SOUZA, Carla Monteiro; RAIMUNDA, Gomes Silva (org.). *Migrantes e migração em Boa Vista: Os bairros Senador Hélio Campos, Raiar do Sol e Caumé*. Boa Vista: UFRR, 2006.

THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Textos didáticos*. Campinas/SP: IFCH/UNICAMP, nº 10, vol.1e 2. 3ª ed., 1998.